



IMPERIO DO JAPÃO.

O IMPERIO do Japão compõe-se de um numero prodigioso de ilhas, entre as quaes se distinguem principalmente tres: Nippon ou Niphon, Kiousou e Sikhof. Niphon, onde está situada á capital Yedo, cuja população se avalia em dous milhões de habitantes, deu o nome a todo o imperio.

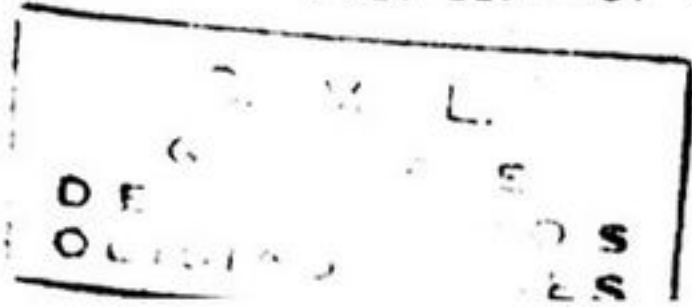
O Japão occupa um espaço, que abrange desde $123^{\circ} 23'$ até $150^{\circ} 50'$ de longitude oeste, e desde $24^{\circ} 16'$ até 50° de latitude norte. A natureza parece ter querido defender este paiz de todas as tentativas de invasão; porque o mar é ali muito borrascoso, e em varios pontos muito baixo; as costas são semeadas de parceis e de rochedos, que algumas vezes ostentam fórmias mui extravagantes, como se pode vêr na estampa. As bahias e enseadas onde tem de abrigar-se os navios, são como abertas em penedias e fraguados, que se alongam pelo mar dentro, e tornam difficil a aproximação da costa. A isto accrescem os perigos provenientes da rapidez das correntes, e da apparição d'aquellas chamadas trombas maritimas, que tão primorosamente descreveu o immortal Camões. É quasi fóra de duvida, que o Japão fazia n'outro tempo parte do continente da Asia, como Ceylão, Sumatra e Java, que as ilhas de Niphon, Kiousou, Sikhof formavam um isthmo, que

ligava as costas orientaes da Siberia as plagas da America do norte. Os numerosos volcões, que se encontram em todo o territorio japonéz, tornam verosimil esta asserção. Nenhum paiz é mais sujeito a tremores de terra; e por isso as casas em Yedo têm um só andar. Em 1703 esta cidade foi inteiramente destruida por um terramoto. É pois ás erupções dos volcões que o Japão deve a fórmula singular das suas costas accidentadas, ou, para melhor dizer, *dilaceradas*.

O povo japonéz nos seus usos, na sua religião e instituições não é de certo menos extraordinario, que o torrão que habita.

Os americanos do norte equiparam uma forte expedição naval, que hoje se acha nas aguas d'aquelle celebrado imperio, cujo fim é obrigar o seu governo, pela persuasão e bons termos, e sendo necessario pela força, a abrir os portos ao commercio europeu, concessão que lhe tem sido solicitada, e a que até agora se ha negado com uma pertinacia inabalavel.

Poucas noticias existem do Japão; e o que se encontra nos tratados de geographia não pôde merecer inteira fé. Klaproth calcula a superficie do territorio japonéz em 28:000 leguas quadradas, e a sua população em 30 milhões de habitantes.



ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XI.

O castello desde a acclamação de D. João IV até ao tempo presente.

Não admira que no tempo do dominio castelhana, que promettia uma paz eterna, se consummasse o completo abandono do castello. Mas chegado o 1.º de dezembro de 1640, levantado o grito de guerra contra Castella com a acclamação do novo rei natural D. João IV, não havia remedio senão tratar da defeza propria, e apparelhar para a resistencia. Em 5 de dezembro se fez em Arrayolos a acclamação, e se nomearam officiaes para governar a gente de guerra da villa; e entre os capitulos, que a mesma villa deu aos seus procuradores ás côrtes, em 6 de janeiro de 1641, estão estes tres: 1.º tratarão de pedir a sua magestade, que mande reparar os muros e castello e barbacã pera defenza d'esta villa: 2.º tratarão de pedir a sua magestade se conserve o castello com habitação de gente, para que obrigue aos moradores d'esta villa, aos ricos e abonados para que lá façam casas (1): 3.º pedirão armas, tambores, bandeiras, e peças de artilheria para o castello (2). E em quanto se espera pelas peças de artilheria para o castello circular, traçado pelo bom D. João Simão, que nunca em seu tempo tal sonhára, foram-no os moradores fortalecendo como puderam; e pouco bastou para poder receber preza a marquezia de Montalvão. Foi occasião da prizão d'esta senhora o entender-se, que ella tivera noticia da fugida de seus filhos D. Pedro e D. Jeronymo Mascarenhas para Castella; pelo que lhe mandou el-rei pôr guardas em sua casa, e prender seus criados, os quaes, examinados e não lhes achando culpa, tornaram a soltar. Porém a marquezia, constando que aos indicios acrescentára palavras demasiadas contra el-rei, foi remettida preza ao nosso castello. De curta duração foi este captiveiro, porque, chegando brevemente do Brazil seu filho D. Fernando Mascarenhas com a nova da acclamação de el-rei na Bahia por seu pae o marquez de Montalvão, se deu el-rei por obrigado a lhe conceder a liberdade da mãe, de sorte que logo depois, quando desembarcou o marquez, já ella o foi esperar (3).

Tardava a remessa do trem de guerra mandado pedir em côrtes, e como aquella se ateasse, ordenaram em camara de 11 de maio de 1641, que «visto a necessidade, que esta terra tem e póde ter da fortaleza; e ter estado n'ella a marquezia de Montalvão; e terem posto na fortaleza portas novas; que encarreguem a fortaleza do castello, e a guarda d'ella a Custodio de Villalobos de Almeida, capitão da ordenança, eleito por a camara; que elle tenha cuidado da fortaleza com a gente, que esta camara lhe der pera a guarda d'ella; e assignaram; e lhe entregaram as chaves, de que dará conta todas as vezes, que lhe forem pedidas: e assignou o dito Custodio de Villalobos de Almeida com a camara; e n'esta fôrma ficou eleito por capitão do dito castello (4).»

Se os insignificantes reparos, que a gente da terra havia feito na fortaleza eram bastantes para conter uma fraca mulher, não o eram para segurar prezo um cabo de guerra inimigo. Por isso, em camara de 20 de dezembro de 1642; «pareceram Custodio de Villalobos de Almeida, Balthazar Coresma e Manuel do Casal de Moura, capitães de infantaria, e o alferes Domingos Pires Godinho, e requereram a elle juiz e officiaes da camara, que o mestre de campo Trigueiros não estava seguro na prizão, em que sua magestade o tinha mandado prender; e que além d'isso dizia liberdades; que elle não conhecia a mais rei que o rei da sua terra; porque se poderia entender que queria fugir: e que além d'isso, que era grande oppressão d'este povo, principalmente dos pobres, que perdem o seu trabalho por entrar e sair de guarda, só pera assegurar um homem, que é o dito mestre de campo Trigueiros: e assim os ditos capitães como os mais officiaes da camara assentaram, que elle juiz escrevesse a sua magestade, que o dito mestre de campo não estava seguro no castello, e que o dito senhor o mandasse metter na cadêa d'esta villa, que é muito decente para sua pessoa (5): e o dito juiz assim o prometteu de fazer logo, etc. (6)»

Pouco tempo decorrêra, e já aquelles pequenos concertos feitos na fortificação do castello nos primeiros momentos da acclamação, se haviam inutilizado; e o governo, applicado todo a fortalecer os castellos e praças da fronteira, não curou de satisfazer aos desejos dos moradores de Arrayolos, enviando-lhes o trem de guerra, que em côrtes pediram. Tiveram pois de se ater aos proprios recursos, para fazer novos concertos no castello, persuadidos como estavam de que em caso de aperto seria o seu refugio. Assim em camara de 30 de setembro de 1643; «accordaram, que por quanto as portas do castello d'esta villa estão quebradas e rotas de modo, que não tem remedio ou concerto; e por quanto o dito castello é o refugio d'esta villa havendo occasião de inimigos, mandaram que se fizessem umas portas muito fortes em o dito castello; e que por quanto os sobejos do donativo, que se fez a sua magestade, estavam ainda em ser; que do dito dinheiro se fizessem as portas, e mais obras necessarias pera a defensão d'esta terra, por não haver outro prompto pera este effeito (7).» Não se deu logo a execução este accordão,

(4) Livro das vereações de 1640 a 1642, a fol. 72.
 (5) Não era por certo mais decente para a pessoa do mestre de campo a prizão da cadêa da villa, do que a de alguma sala do antigo paço do castello; mas era mais commodidade dos guardas vigiar o prezo no centro da povoação do que no deserto do castello.
 (6) Livro das vereações de 1642 a 1645, fol. 14 v. — Não pude descobrir por que occasião fosse prezo este mestre de campo castelhana, ou o motivo por que fosse mandado para tão fraco e tão mal guardado castello; nem ainda até que tempo aqui se demorasse. E como não acho menção de ter sido feito prisioneiro em ação de guerra, suspeito que seria do numero dos castelhanos prezos em Lisboa logo na occasião da acclamação, e removidos para varias partes em 1641 logo depois de justigados os conjurados, duque de Caminha, etc. — Vid. Fr. Antonio Sayer, Historia del Levantamiento de Portugal. Zaragoza, 1644, fol. 202.
 (7) Livro das vereações de 1642 a 1645, fol. 67 v.

(1) É digno de notar-se quão diverso é este meio, agora proposto para povoar o castello, d'aquelle que foi seguido em tempo d'el-rei D. Fernando. Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.

(2) Livro das vereações de 1640 a 1642, a fol. 50.

(3) Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no *Portugal Restaurado*, parte 1.ª, liv. 3.º — Sousa, *Historia genealogica da casa real*, tom. 7.º, pag. 151.

e só a 19 de junho do anno seguinte de 1644 é que se arrematou o feitio das portas por 6\$000 réis, dando a camara toda a ferragem (8). E em 16 de julho foi arrematada a ferragem, que levou tres quintaes de ferro, a razão de 7\$600 réis o quintal de ferragem lavrada; importando toda em 22\$800 réis (9).

Em fins do anno de 1655 havia sim no castello as portas, mas a fortaleza e muros estavam em parte mui arruinados, a barbacã caída, a torre principal muito desbaratada; e dentro do castello não havia casa levantada mais que a igreja (10). Até o paço parece que estava demolido.

(Continúa.)

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

VI.

José Agostinho principiou tecendo louvores a Bocage, e proclamando-o rei da harmonia, e dominador da posteridade. Estando prezo, e vestindo ainda o habito graciano dirigiu-lhe a famosa ode, de que Elmano estampou alguns versos na Pena de Talião. Perdeu-se o soneto, em que o auctor da Média e do Tritão lhe respondia, mas é de crêr que pagasse adulação com adulação. Sobreveiu a dissidencia da Arcadia no entretanto; e postos um defronte do outro, os dous atletas trataram-se como se desde o berço nutrissem mutua inimizade. Os vituperios desafiaram os vituperios; a emulação envenenou as frechas; e dotados da força, que rasga feridas dolorosas, ambos arderam em odios, que pareciam inextinguíveis. Elmano escrevia de Macedo:

O tonsurado, retumbante Elmiro
Vibra tiros ao vate, e cada tiro
Mais frouxo que pedrada de creança.

E não contente de o pintar assoprando de face tumida e assanhada nas buzinas de que

Tremem de Jove as delicadas filhas!

apimentava o escarneo, unindo-se ás pateadas, que enterravam a infeliz *Zaida*, ensaio dramatico desastroso do reverendo poeta. Eis as zombarias metricas, que lhe dirigiu:

Na scena, em quadra tragico-invernosa
Zaida se impingiu, fradesco drama;
Appareceu depois com sêde á fama,
Tragedia sem igual, mais lastimosa.

(8) Livro idem, fol. 113.

(9) Livro idem, fol. 115 v.

(10) Consta do auto da posse, que por seu procurador João de Alvarenga Ribeiro, tomou o alcaide-mór Pero de Sousa de Brito a 27 de dezembro de 1655. Livro de registo da camara, de 1650 a 1661, fol. 40.

O auctor lamenta, em phrase apparatusa,
Esfaqueado arraes, pimpão de Alfama;
E alvar o galã, ratinha a dama,
E o macho Simão, e a . . . é Rosa.

Espicha o rabo. (Eu tremo ao proferil-o)
Espicha o rabo ali o heroe na rua,
Qual Muratão nos areaes do Nilo.

Elmiro na tarefa continúa:
Já todos, pela escolha e pelo estylo,
Rosnam que a nova peça é obra sua.

Excitada a ira de Elmiro, correndo o anno de 1798, determinou pôr fim á lucta com um golpe de aêha d'armas. A satyra pareceu-lhe o verdadeiro meio de aniquilar Elmano; e repassando-a do fel que tinha na alma, vibrou-a sem piedade contra o antagonista:

Sempre, ó Bocage, as satyras serviram
Para dar nome eterno e fama a um tolo.

Assim rompia! As injurias atropelavam-se. As insinuações vinham umas a par das outras. A irrisão e o falso desprezo forçavam o riso negando a evidencia, e fingindo no gigante a estatura do pigmeu. Apenas saiu o papel de Macedo, Bocage obteve-o, e trago consigo primeiro o veneno d'elle. O orgulho, que era d'esta vez a justa consciencia da nobreza do seu engenho, o furor do genio, e o resentimento do affrontoso escarneo, accenderam-lhe o delirio poetico. O morgado de Assentís, que o esperava no costumado ponto de reunião, bem alheio do occorrido, vê-o de repente adiantando-se apressado, com as feições transtornadas, e os olhos scintillantes. Quasi sem vêr o morgado entrou na loja, passeiando precipitadamente no meio de gestos e de palavras interrompidas: no fim de algumas voltas para de repente, e com os olhos fitos no amigo exclama em voz estridente: «Tolo? tolo! tolo... nem elle!» E torna ao mesmo giro e á mesma preocupação.

Passada a maior explosão, Assentís pasmado atreveu-se a indagar os motivos de tanta cholera, e Bocage, tirando do bolso um exemplar amarrotado da satyra de Macedo, disse-lhe: «Ahi está um lapis. Arranja papel; e escreve-me antes que a cabeça me arrebeunte!» Sentou-se o morgado a uma meza, e diante d'elle Elmano a ditar, emborcando calices de genebra e devorando duzias de cigarros, indifferente a quanto o rodeava. Foi assim, de um só jacto, e dado apenas ao secretario o espaço preciso para o seguir, que a Pena de Talião, a satyra mais brilhante, foi composta em tres horas, incluindo as notas. A ira inspirou-a, e raras vezes a ironia e a apostrophe subiram tão alto. José Agostinho ainda contestou; porém, (mesmo não conhecendo a réplica) ousámos assegurar, que não poderá medir-se com o victorioso desforço de Bocage. Ha rasgos que não se igualam senão em forças iguaes.

A Pena de Talião, em que respira o estro de Manuel Maria, para ser bem apreciada, deve comparar-se com a provocação de Macedo. Tomando uma por uma as censuras do seu emulo, Manuel Maria dissolve-as em pó por um golpe de raio; e virando contra elle as armas cortantes do engenho, lança-lhe aquella maça d'armas, que só a mão do gigante arremessa, e que esmaga de uma vez. Para se avaliar a superioridade de Elmano basta cotejar a injuria com a desforra. O triumpho para Bocage está na confrontação. Eis como Elmiro começou:

Sempre, ó Bocage, as satyras serviram
Para dar nome eterno e fama a um tolo.
Vive Crispino, e Cluvieno, e Codro
De Juvenal nas satyras sublimes;
E d'Horacio o rival deu nome e fama
Ao pedante Cotin. Eu não quizera
Teu nome eternisar: mas a verdade,
A justiça, a razão mais alto bradam,
E o flágello da satyra merece
Teu estouvado orgulho, e audacia tua.

Agora a resposta de Bocage:

Satyras prestam, satyras se estimam,
Quando n'ellas calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vicio nota, o merito gradúa;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal que nem cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiros de París, Cotins, são vivos
No metro de Boileau mordaz, mas pulchro:
Codros, Crispinos, Cluvienos soam,
No latido feroz do cão de Aquino,
D'esse, cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos, que Venusia illustram,
Nos que de fama eterna honraram Mantua,
Involtos no lubibrio existem Bavios,
Mevios existem; e a existencia d'elles,
Se pudesses durar, seria a tua.

De que força, e de que harmonia são repassados
os versos, em que repelle o vituperio, convertendo-o
em opprobrio do censor! Lendo-se José Agostinho, e
depois d'elle Elmano, lembra o clarão da lua dis-
putando esplendor á luz do sol! Um falla a lingua
da inveja; rasteja com ella, e raro se levanta com
o espirito ás alturas, d'onde a poesia, mesmo a sa-
tyra, olha de cima para as paixões e vicios huma-
nos. O outro, fervido e extatico, tudo transcende
de um vôo, e suspenso sobre as matizadas azas da
imaginação, como a aguia, empunha o corisco, e
desce em furacões sobre o detractor. Fallando a lin-
gua dos deuses, veste de fogo a phrase, e a imagem
debil do contrario; e longe de as esquivar, tornadas
mais brilhantes rebate-as no escudo, contra aquelle
que imprudentemente as suscitou. Com que bella
expressão responde á frouxa allusão a Juvenal feita
nos versos de Macedo:

Codros, Crispinos, Cluvienos soam,
No latido feroz do cão de Aquino!

Que delicada e vehemente citação a sua de Ho-
racio, friamente nomeado por Macedo:

Nos igneos versos que Venusia illustram

.....
Envoltos em ludibrio existem Bavios!

E assim que os mestres castigam, e que o genio
se vinga.

Continuemos ainda o parallelo. O auctor do Mo-
tim Litterario para rebaixar o emulo satyrisa-lhe a
figura. Sem possuir as graças de Adonis, Elmiro ad-
judica-se o juizo de París, e trata com desdem olym-
pico os defeitos physicos de Bocage:

Com semblante de satyro podias
Ser poeta e philosopho prestante:
Foi Socrates enorme, Pope horrendo,
Era pequeno e barrigudo Horacio.

Manuel Maria retorquiou-lhe n'estes bellos versos:

Do philosopho a tez, a tez do amante,
Meditativo aspecto, imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam
(Paixões da natureza e não das tuas)
O que apparece em mim, á vista abjecto?
A mesta pallidez, o olhar sombrio,
O que preterição desengenhosa
Dos sujos trivios na language aponta,
Que importa, ó zoilo, ao litterario mundo?
Que importa, descarnado e macilento,
Não ter meu rosto o que alicia os olhos?
Em quanto nedio e rechonchudo, á custa
De vão festeiro, estúpida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
.....
Compras n'aldêa do barbeiro o voto,
Ali triumphas, e a cidade enjoas?

Macedo, lendo a replica devia esbravejar consigo
da imprudencia com que se expozera. A pintura fi-
na e critica da sua eloquencia sacra, e dos seus ar-
tíficios mundanos para captar a popularidade no pul-
pito foi traçada com tal viveza, que o retracto sobre-
viveu ao conflicto.

Afofas teus sermões, venaes fazendas
Cujos credores nos Elysios fervem,
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contricção no centro d'alma!

Sem ser justa nem exacta a respeito de José Agos-
tinho a descripção havia de traspassal-o. Certos gol-
pes depois de recebidos doem eternamente. As fe-
ridas, que os grandes talentos rasgam na sua ira, são
abertas com a lança de Marte, não se curam. Eis
uma d'ellas. Passada a occasião, e corrido meio seculo
sobre o combate, está tão viva e profunda na repu-
tação de Elmiro como na primeira hora. E que o
ridiculo envenena e disforma por onde passa.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



A COCHONILHA.

O INSECTO, que tem no commercio o nome de co-
chonilha, pertence á ordem dos Gallinsectos. Vive e

nutre-se de uma planta carnosa do genero *cactus*, nomeada pelos botanicos *Cactus opuntia*, e mais conhecida geralmente sob a designação de Nopal, ou figueira da India, por causa do seu fructo assucarado, um pouco insipido, mas muito nutritivo, e inteiramente semelhante na fórma a um figo.

O Mexico desfructou por largo tempo o monopolio da producção da cochonilha, de que se faz a bella tinta, que conhecemos sob o titulo de carmim. Mr. Thenard inventou em nossos dias o meio de fixar o principio córante vermelho da raiz da garança, ou ruiva dos tintureiros, preparando um carmim pouco differente do que dá a cochonilha; entretanto a superioridade d'esta ultima é indisputavel.

Na Europa empregam-se, já para a tinturaria, já para a pintura, quantidades valiosas de cochonilha, e esta mercancia sustenta sempre preços elevados.

O *cactus opuntia* ou Nopal encontra-se nos paizes quentes da Asia, da Africa e da America; é tambem commum na Sicilia e em todo o sul da Italia, onde o seu fructo é durante alguns mezes do anno o principal sustento da população pobre. Para multiplicar o Nopal, basta cortar um pedaço, e mettê-lo na terra; cria logo raizes, e lá vae crescendo por si mesmo.

Feita uma plantação de Nopal, póde multiplicar-se n'ella a cochonilha com a maior facilidade, como se vae ver:

Chegando o Nopal ao seu completo desenvolvimento depõe-se em cada pé, de distancia em distancia, duas ou tres cochonilhas femeas, que se reservam para este effeito da colheita precedente. No espaço de dous mezes multiplicam-se as cochonilhas com tão prodigiosa fecundade, que se encontram as plantas do Nopal todas cobertas d'ellas. Procede-se então ao apanho do modo seguinte:

O trabalhador, segurando na mão esquerda uma bandeja grande, tendo em um dos lados um chanfro como as bacias de barba, vae-a encostando successivamente a cada folha do Nopal; e com a outra mão, armada de uma grande espatula, raspa-a com cuidado, fazendo cair as cochonilhas na bandeja. O producto da colheita é immediatamente mettido em grandes caldeirões cheios de agua a ferver; as cochonilhas são ali mergulhadas alguns instantes sómente, e logo tiradas para fóra, depois seccas á sombra, e entregues ao commercio.

A cochonilha foi importada do Mexico para as ilhas Canarias e a nossa Madeira. A negligencia e apathia dos habitantes deixaram acabar as plantações regulares de Nopaes. Comtudo nem estes nem as cochonilhas tinham perecido; pelo contrario haviam-se multiplicado sem que ninguem desse fé de semelhante cousa. Alguns arrateis d'este precioso insecto, vendidos por um colono a um negociante inglez, por preços bastante vantajosos, chamaram a attenção de outros colonos, que desde então se tem dedicado com mais ou menos intelligencia e succedimento á cultura da arvore da cochonilha.

A ilha da Madeira e as ilhas Canarias exportam annualmente sommas consideraveis d'este producto, sendo de notar que a producção pode triplicar ou quadruplicar, sem que o preço diminua sensivelmente.

Talvez conviesse introduzir em algumas das nossas possessões africanas a cultura do Nopal, e criação da cochonilha; era mais um meio de augmentar a sua riqueza e importancia.

Não contando a epocha das chuvas, que interrompem a pasmosa rapidez de multiplicação da cochonilha, pode-se fazer uma colheita de dous em dous mezes.

O curioso, que desejar mais amplos esclarecimentos, poderá consultar com proveito o tomo 2.^o, parte 3.^a da collecção intitulada o *Fazendeiro do Brazil*.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SECULO X.

V.

Na sala de armas

— «BATEIS, senhor, com mão temeraria ás portas do impossivel:» lhe respondeu o judeu. «Para que hei de eu de novo revocar á vossa memoria as repugnancias hereditarias da minha raça e as minhas proprias? Medeia — ai de mim! — entre as duas nações um abysmo, que se não póde cegar. Não toquemos nas barreiras de odio, que o destino plantou entre duas grandes familias do genero humano; não! Por mim manifestarei com franqueza os motivos da minha preferencia n'aquellas cousas sómente, em que a Providencia me deixou livre a escolha. Adoro a gloria das armas, e amo as artes da paz. Como guerreiro prefiro o crescente á cruz. Apraz-me cavalgar no corcel do deserto; revejo-me no castan; enleva-me brandir a cimitarra luzente. O grito agudo e prolongado, que convoca os cavalleiros a saltar para as selas, dil-o-hei eu? é-me grato. E depois o correr frenetico, o avançar tumultuario, a accommettida ardente, o retirar rapido e precipitado: habitos e affeições de velho soldado. Bem sei que os podereis ter em conta de vãos preconceitos. Não desconheço em principio a excellencia da vossa cavallaria pezada: não quero desconhecê-la. Mas as artes da paz!... Oh! n'essas leva-vos o arabe a mesma vantagem que os cedros do Libano ás plantas reptis. Essa corte fastuosa de Cordova; esses edificios sumptuosos, que decoram as cidades principaes do califado; esses aqueductos magnificos que as cruzam; essas flotilhas numerosas, ornamento dos portos do imperio; essas minas de ouro e prata, coral, perolas, rubis, e amethystas; essa industria de sedas, lãs, e ferro; esse commercio de exportação extensissimo; esse thesouro, que recebe o tributo annual de doze milhões de miticaes de ouro; essas academias e escolas, monumento e caudal perenne de sabedoria; toda essa alta policia, dizei-me, se é para comparar-se com a vossa? Não, a civilisação arabe ha de vencer a decrepita civilisação hispanica; ha-de, porque aquella é uma d'essas revelações, que a Providencia manda á humanidade no volver dos seculos para a consolar em suas dores, e erguel-a da sua humilhação.»

— «Esperae lá, senhor cavalleiro. Vae já em quasi dous seculos, que a tempera do metal castelhano resiste aos botes da lança do *policiao* neto de Agar. E a resistencia no principio foi bem pequena e bem fraca: apenas um punhado de valentes nos serros alpestres das Asturias. De então até hoje o imperio da cruz tem crescido muito em Hespanha, e o que elle tem crescido, tem minguido o crescente. Sabeis, senhor cavalleiro, a historia do passado, e tendes olhos para ver o aspecto do presente. N'esta lucta prolongada, em que o koran tem cedido e o evangelho avançado tanto, não notaes vós como são tenazes as raizes da familia goda no sólo da Hespanha, e como o caracter primitivo dos nossos naturaes reage contra a intrusão dos conquistadores? Confesso, que alguma cousa temos accettato das artes e letras arabes, como se acceta e se usa um vestido ou um cavallo estrangeiro, ou como eu mesmo me serviria de uma espada de Damasco, sem embargo de lhe não

serem inferiores as nossas laminas de Toledo: vou n'isso convosco. Chego a dizer-vos, que o prazer da variedade nos faz ás vezes preferir os attractivos das bellezas andaluzes aos encantos das formosas donzellas da nossa Castella. Até ahí alcançaram as victorias do arabe: d'ahi por diante. . . Fallemos grave, senhor cavalleiro. O typo organico das differentes familias humanas não perece, nem degenera como suppondes, e os fundamentos, em que assenta uma comunidade de muitos seculos, não são os frageis valiosos, que se improvisam nos arraiaes de um campo armado. Fallaes-me de decadencia? Onde eu vejo signaes d'ella — e signaes que não enganam — é n'essa rebellião dos Hassuns, recrutada no seio dos proprios dissidentes do islam, que inquietou quatro califados, e esteve a ponto de submergir um d'elles. Vejo-os n'esse poder dos wallis, que, sendo illimitado, está sempre com um pé na fronteira da independencia. Vejo-o na diversidade das tribus, de que se compõe o imperio arabe, etranhas e hostís umas ás outras como bestas-feras.

— «Mas deixemos isto. Prometteis-me a vossa adhesão, e o serviço da vossa espada, se eu vos affiançar, por exemplo, o commando de uma tiufadia, ou a capitania de uma praça, e se além d'isso outorgar aos judeus castelhãos uma carta de foral? . . . »

Apenas o conde acabára de proferir estas ultimas palavras, ouviu-se grande alarido de vozes, soando a pouca distancia do palacio.

A neblina evacuára o topo da montanha, onde já brilhavam os raios do sol, dourando, ao mesmo tempo no castello feudal o eirado da torre de menagem; mas não permittia ainda divisar os vultos humanos, de cujas bôcas partiam aquelles gritos. Pelo volume das vozes só se percebia, que saíam de um grande ajuntamento de gente, e, pela aspereza das intonações, que eram um pregão da colera popular. Ao murmúrio confuso, que similhava o mugido longinquo de mar, succederam logo estes clamores, bem distinctos ao ouvido dos dous interlocutores, que conversavam na sala de armas:

— «Morrám os judeus!»

— «Maldição aos farizeus!»

Morrám os judeus! murmurou consigo Othoniel; e os seus olhos sinistros de um relance despediram-se ao conde, e de outro á arma, que lhe ficava mais proxima. Suspeitou que Fernão Gonçalves se tinha burlado d'elle, e as feridas, nunca cicatrizadas, do seu odio e resentimento verteram de novo sangue. A sua razão poderosa sustinha a redea a uma audacia, que desafiava os maiores perigos, e era capaz de correr todos os lanços do acaso, em lhe luzindo alguma probabilidade de successo, por pequena que ella fosse. Não vislumbrou, n'essa hora, nenhuma. O seu valor temerario curvou-se á lei do destino. E a vida do conde foi, n'aquelle momento critico, salva de um risco eminente.

— «Ouides aquellas vozes?» disse elle para o conde com o accento e o gesto da mais amarga ironia. «É o povo, que, fanatico e feroz, desnega as vossas promessas, e justifica todas as minhas repugnancias e apprehensões. O povo clama a vós, seu legitimo senhor, que não tendes força nem direito para proteger os judeus, e proclama aos judeus, que não esperem d'elle ou de vós senão espoliação, ou morte affrontosa. Ambas as cousas, talvez.»

— «Olhae aquelle nevoeiro!» respondeu-lhe o conde. «Os raios do sol hão de gastar mais horas em dissolvê-lo, do que de minutos em dissipar o tumulto popular ha-de despender um simples mandado meu.»

— «O nevoeiro, que hoje se precipita e desfaz.»

tornou-lhe Othoniel, «póde reproduzir-se amanhã, como effeito successivo que é de uma causa indestruível. Podeis vós destruir nas almas os odios de religião e raça, germes fecundos d'onde brota este motim popular, e hão de surgir mil outros como elle? Não, senhor conde. Acreditae-me. O homem, que governa a homens, ha-de conformar-se á sabedoria do tempo presente, que é a sciencia das multidões; sciencia composta de algumas verdades, mas de muitos erros, e embryão de poucas virtudes, mas de numerosos crimes. O chefe, que se quizer elevar d'esta baixa região de ruins paixões ás esferas luminosas da intelligencia e da justiça, onde reside a sabedoria do tempo futuro, perderá o seu centro de acção, e acabará por abdicar de todo a influencia e auctoridade com que imperava ás turbas.»

Assim fallando, parecia que nos olhos intelligentes e em todas as feições lhe estava brilhando o fogo de Prometheu.

— «Argemyro!» chamou Fernão Gonçalves, batendo as palmas.

Argemyro entrou.

Era o formoso e valente pagem do conde, a quem já em outra parte alludimos. O seu traje similhava o dos outros pagens: differença-se porém na riqueza e louçania: realçava-o a belleza fascinadora do donzel. O porte d'este era gracioso, e revelava muito de marcial para tão verdes annos. Encantos da sua pessoa, dotes de espirito, e um extremo primor no jogo das armas tinham-no cercado de um cortejo de admiradores, que com serem tantos, bem sommada a conta, ainda eram em menor numero e menos ardentes do que as admiradoras do gentil mancebo. Chamma voraz de sobejo para incendiar novas Troias.

— «Argemyro, chega-te aqui,» lhe disse o conde.

O donzel aproximou-se, e dobrou um joelho em terra. Fernão Gonçalves, inclinando-se, cobriu com a mão aberta o canto esquerdo da bôca, e verteu no ouvido do pagem breves palavras, que se resumiam em ordenar á tia Josefa, que por todas as traças possíveis apaziguasse logo aquelle arruido popular.

Recebidas as instrucções, Argemyro ergueu-se; fez ao conde uma profunda inclinação; ao judeu uma cortezia, que passára por trivial, se um sorriso meio esboçado nos cantos da bôca, e um leve arqueamento de sobrancelhas a não denunciasse por ironica; e partiu.

Era tempo. O tropel amotinado acercava-se do palacio. E a atmospherá popular encandecida, o brado de «*morrám os judeus*» a atroar os ares, Othoniel a marcar com os olhos a arma a que se havia de lançar, o conde, entre despeitado e perplexo, a passear pela sala a passos desiguaes e arrebatados, era tudo isto uma peripecia a mais estranha de quantas ali rapidamente se tinham succedido.

Argemyro tornou a entrar.

A tempestade popular ia dissipar-se. A velha da Vejarrua prégava um sermão plebeu, cuja eloquencia persuadia. Sobretudo da igreja de S. Martinho estava saído uma procissão de preces por causa da secca: para lá começavam já a correr as multidões tumultuadas.

— «E Fr. Pedro, vistel-o?» perguntou o conde ao mensageiro d'estas boas novas.

— «Vem na procissão,» respondeu o pagem.

— «*Kirie eleison!*» Esta voz sonora ainda que distante, destacando-se do prestito religioso, e sobresaindo ás mais vozes, que já se ouviam desde a sala de armas, era com effeito a voz de Fr. Pedro.

— «*Kriste eleison!*» respondiam em choro retumbante os clerigos e monges, que acompanhavam a procissão.

Annunciaram o prestito que saía os sinos de S. Martinho. Ás suas vibrações harmoniosas responderam alegremente os campanarios de Santa Coloma e Santa Cruz, acompanhados pela sineta argentina da pequena ermida de S. João Evangelista; e este trinar repetido, estes sons, que repicavam por todo o comprimento da Vejarrua, indo despertar a torre do mosteiro de S. Lourenço, puzeram em movimento todas as linguas metalicas do burgo, que formando de suas ricas variações e arpejos uma orquestra immensa, convocavam os fieis para aquelle acto religioso, cujo character era, ao mesmo tempo, de meditação solemne e de diversão festiva.

E a revolta destroçava para engrossar a procissão. O povo, sedento sempre de espectaculos, passava de um drama para outro, de um para outro foco de commoções.

Othoniel e o conde olharam-se um instante sem proferir palavra. Mas n'esse olhar de um momento o primeiro disse toda a tenacidade do seu proposito, e o segundo todo o orgulho do seu poder. Ambos elles se entenderam.

— «Fornecei este nobre cavalleiro de dinheiro, de trajos de mercador muzarabe, e do seu punhal damasquino; e proporcionae-lhe a evasão com a maior segurança que for possível:» ordenou o conde a Argemyro.

E esta ordem era intimada tão imperativamente, que mostrava ao donzel o perigo, se não a impossibilidade, de a cavillar; assim que Fernão Gonçalves muniu o pagem do proprio anel para com esse talisman da auctoridade remover qualquer obstaculo, que encontrasse na execução.

— «E agora adeus, senhor cavalleiro,» disse o conde para Othoniel, descalçando a luva direita, e apertando-lhe a mão: «espero que partireis sem ter em inau conceito a todos os christãos, e que não estranhareis ver-vos privado da companhia de Fr. Gerundio.»

— «Parto como vim, senhor. Herdei os resentimentos de Israel; sou parcial do califa: mas não levo má opinião de todos os cavalleiros nazarenos:» respondeu-lhe o judeu, fazendo-se desentendido do remoque sobre Fr. Gerundio, que tambem jazia, como o leitor sabe, nas masmorras do alcaçar.

Othoniel partiu. De pé, e com a mão direita firmada sobre a meza, Fernão Gonçalves seguiu com os olhos o seu adversario, até que este desapareceu na volta que fazia o corredor immediato á sala de armas. Pouco depois, quando o judeu saía do portal do alcaçar, o conde observou-o da janella caminhando pela Vejarrua, com passos tardos mas firmes, atraz do pagem, que se movia com meneios elegantes e a impaciencia propria da juventude. Sem tirar a mira das dobras d'aquella coifa variegada, no ponto, em que o pendor da ladeira começava a occultar os vultos a quem olhava do alcaçar, divison o conde a cabeça de Othoniel, que se voltava para traz, parecendo-lhe até que a mão se dirigia ao mesmo punhal, que assistira á scena dramatica do Arlanção. Depois a encurvadura da rua escondeu de todo o personagem israelita e o seu guia: o conde saiu: a sala de armas ficou deserta.

Veiu d'ahi a pouco o varredor com um escravo mouro seu subordinado na escala do serviço domestico do palacio, ao qual o nosso aristocrata de vasculho disse, tapando de vez em quando o nariz: «Traze um, traze dous, traze tres, e não seria muito se trouxesses quatro baldes de agua, porque tudo fôra pouco para tirar da casa o maldito cheiro do inferno, que aqui ficou. *Puah!*»

AO LUAR.

Na noute, que se seguiu a esse dia, um formoso luar em plenilunio prateava a montanha e as praças do burgo, illuminando as aguas do Arlanção, em cujas margens os choupos que as bordavam, dispostos em duas alas, e com os seus cimos reluzentes, pareciam campeões gigantes perfilados em batalha. O pallido planeta tornava transparentes as proprias sombras nos valles, e até mettia alguns raios furtivos de luz no cahos tenebroso e incoherente das ruas estreitas e tortuosas do burgo. Aos olhos desdobrava-se o panorama nocturno de uma extensa planicie, flanqueada de valles, que se alongava até ir morrer no extremo do horisonte, onde já começava a armar-se a cortina vaporosa do nevoeiro. As bastas azinheiras e sargaços, que vestiam as campinas derredor, expirando-a, espalhavam pelo ar sua fragrancia resinosa. O gallo não cantava ainda as primeiras matinas, nem os muzicos das florestas interrompiam o silencio solemne e a solidão da noute. Era uma d'essas horas de somno e repouso universal, em que só se ouviam os murmurios de uma nascente deslizando com brandura pela montanha, em que só se sentia o ruido dos passos das sentinellas nos adarves do castello, e em que os raios da lua, fulgurando e desaparecendo nos elmos de ferro pulido d'esses veladores do burgo, annunciavam apenas uns symptomas fugitivos de movimento e vida em meio do espasmo de todos os seres.

Foi n'essa hora que, saíndo do palacio, Fernão Gonçalves atravessou a montanha, encaminhando-se a um nicho de S. Victor, entalhado na muralha exterior do castello. Uma alampada amortecida, e como que sepulchral pelo esplendor da lua, alumiaava o santo; e uma amoreira secular, allusiva ao milagre acontecido depois do seu martyrio e morte, abrigava com os ramos esta estancia devota.

Ajoelhado debaixo da arvore consagrada, o conde orava fervorosamente ao martyr, quando um como rugido de vestes, obrigando-o a virar os olhos, topou com elles na figura de uma mulher, caminhando para aquelle sitio com a ligeireza de uma sylphide. Passou tão rapida pelo conde sem olhar para elle, e tão junto da amoreira, que as roupas ainda roçaram nas folhas. Era alta e esbelta a estatura como nas mais bellas filhas do Caucaso; o talhe de Aglaia; e o perfil do rosto, do purissimo typo grego. Os olhos em fórma de amendoa, semi-abertos, baixos, e sombreados de longas pestanas, despedindo a languida chamma, revelavam essas seducções de formosura, que ou dão a vida, ou a morte. Improvisavam-se-lhe as pregas de um meigo sorriso nos cantos da bôca divina. Uma elegante coifa arabe de seda branca, e uma meia corôa de magnificas gemmas — talvez diamantes e rubis — lhe ornavam a cabeça, d'onde escapavam fechadas em aneis de pedras preciosas longas tranças de cabello a ondear-lhe sobre as costas. Ao collo de neve se lhe prendia por cordão de fio de seda e ouro, que descia até os pés, uma capa mourisca roçagante, de setim aperolado, resguardando os vestidos interiores. Semeavam-lhe a capa perolas e estrellas de ouro; e a Venus desconhecida apanhava-lhe as fraldas na mão direita, descobrindo os labores exquisitos de uma parte do forro.

Pareceu ao conde, que a mysteriosa figura ao passar exhalára um suspiro, mas sem articulação nenhuma de som que se percebesse. Pareceu-lhe, tambem, que a figura espirava um aroma suavissimo, e recendia aquelle perfume singular, exhalado do manuscrito arabe, que o leitor viu na sala de armas. Representou-se-lhe ainda que a apparição pro-

jectava de si duas sombras, uma escura, mas de dimensões ordinarias; outra diafana e transparente, mas de proporções agigantadas, como projectam ás vezes os que passeiam á luz dos candieiros de gaz em noutes de lua cheia. Afigurou-se-lhe emfim que o luar desmaiára, como se sobreviera um eclipse parcial ou um nevoeiro. O que porém víra a não poder duvidal-o, fôra o rasto fosforecente, que a apparição deixava após si. E esse rego luminoso, semelhante á ardentia do mar, só se evaporára, quando a visão, no seu caminhar veloz e quasi aereo, chegando á vertente occidental da montanha, desaparecera.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA
SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA
DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE
PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REI-
NANTE.

SEGUNDO PONTO.

A sua jornada, ou jornadas á Terra Santa.

I.

ESTIVE muitas vezes na discussão precedente quasi a metter-me como imperceptivelmente na segunda, pois assim como as nossas antigas chronicas foram exactas e verdadeiras no facto da jornada do conde D. Henrique á Terra Santa, que era ponto menos substancial, que o da sua linhagem, porque deixariam de o ser n'este ponto sem questão muito mais digno de particular indagação? Passou como certa, pelo menos até aos dias do desembargador Duarte Nunes de Leão, a existencia d'aquella jornada, que era de tanto credito, assim para o valor, como para o espirito religioso do conde D. Henrique, pois convinha, que o pae do senhor D. Affonso Henriques visitasse no calvario o mesmo Deos, que nas campinas de Ourique daria ao novo reino de Portugal por armas essas proprias chagas, de cujo sangue preciosissimo fôra banhada e santificada aquella montanha dos prodigios. Duarte Nunes, que formára novas genealogias do conde, não só com desairosa preterição, mas até com certo vilipendio dos nossos primeiros chronistas, julgou talvez, que era da sua obrigação, que do edificio levantado por Duarte Galvão, e outros seus discipulos não ficasse pedra sobre pedra. Nem sequer o espantou a nota chronologica apontada por aquelle, ás vezes credulo e nimiamente sincero, porém nunca desprezível chronista; pois todas as vezes, que um historiador qualquer nos indica o successo e o anno, n'esta propria miudeza, como que desperta a mais seria attenção do leitor crítico, para que não seja facil em repudiar o que se lhe offerece com taes indicios de exactidão historica... O certo é que Duarte Galvão, (1) Christovão Rodrigues de Azinheiro (2), a memoria do mosteiro de Carquere (3), e outros põem a jornada em 1103; e sendo verdadeiro o como documento impresso no tomo 4.^o da historia e memorias da academia real

das sciencias de Lisboa, parece estar fixamente determinado aquelle anno para semelhante jornada; e por consequencia não fizeram os modernos com as suas indagações, ou felizes achados outra cousa mais, que uma simples confirmação, do que ha muito se referira em quasi todos os auctores nacionaes e estrangeiros, que trataram expressamente da fundação da monarchia portugueza. Á vista de uns taes precedentes, que venho eu agora dizer de novo, ou acrescentar, ao que parece mais um axioma historico, do que objecto de novas discussões? Venho apontar uma quebra, que, devendo metter-se pelos olhos, assim mesmo escapou aos que talvez se considerem por occultissimos; nem eu duvido que o sejam, e por isso nunca me envolvo em taes questões sem uma especie de vivo receio, que me perturba e acanha...

Homem é synonymo e derivado de *humus*; e o lodo ou barro, de que somos formados, como que a toda a hora nos prega o *homo sum*; e quem presumirá exceptuar-se d'esta regra?

II.

Quando Fr. Antonio Brandão se decide pelo anno de 1103 como certo, ou pelo menos o mais provavel da sobredita jornada, recorre ao silencio das escripturas, que parece mostrar a ausencia do conde, porque não ha (diz elle) escripturas, que convençam a assistencia do conde em Portugal, ainda que se fizesse alguma em seu nome, como de senhor de terra (4). O auctor da citada memoria academica se mostra descontente d'esta reserva, notando que, *poderia acrescentar afoutamente, que não só n'este anno de 1103, ou era 1141, mas tambem no antecedente, e no seguinte se verifica o mesmo pela serie chronologica do extracto de documentos, monumentos e codices, que formam o appendice 9.^o da dissertação 6.^a, tomo 3.^o, parte 1.^a das dissertações chronologicas e criticas.* Eu seria o primeiro, caso pudesse ter esta honra já antecipada por muitos dos nossos eruditos, eu seria o primeiro, torno a dizer, que mui sinceramente louvasse o auctor das dissertações chronologicas e criticas pelas grandes utilidades, que a nossa historia poderá tirar de suas laboriosas fadigas; porém se elle proprio, quando nos illustrava com a serie de taes documentos, houvesse proferido, que tocára as ultimas balizas d'este genero de investigações, por certo que seria mais temerario que prudente; pois quem o assegurava de não haver mais argumentos da existencia do conde nas Hespanhas, que os por elle colligidos? Jurar pois n'esta occasião em a palavra do seu mestre, foi mais um obsequio, do que um acto de justiça, como provarei por argumentos fortissimos e inconcussos...

(Continúa.)

— Fuja-se de imitar os falsos devotos, que se eximem de indemnisar ou de restituir, não havendo para isso impossibilidade; e pensam plenamente desonerar-se, assignalando-se em liberalidades feitas aos pobres, ou ás igrejas: liberalidades que, sendo mui meritorias para elles quando se fizessem á sua custa, são objectos de reprovação sendo feitas á custa d'aquelles, a quem pertenciam e deviam ser entregues as sommas despendidas.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

(1) Chronica do senhor D. Affonso Henriques, cap. 4.^o

(2) Collecção de iueditos publicada pela academia real das sciencias de Lisboa, t. 5.^o, pag. 15.

(3) Monarchia Lusitana, parte 3.^a, fol. 44 v.

(4) Monarchia Lusitana, parte 4.^a, liv. 8.^o cap. 22. fol. 44 v.